

TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE E A RELAÇÃO CONJUGAL NO CONTEXTO DA REPRODUÇÃO ASSISTIDA: DA GESTAÇÃO AO PRIMEIRO ANO DE VIDA DO BEBÊ.

Ana Laura Fischer Kunzler, Elisa de Viegas Hoffmeister, Eduardo Pandolfi Passos, Rita de Cássia Sobreira Lopes
Hospital de Clínicas de Porto Alegre; Departamento de Ginecologia e Obstetria da Faculdade de Medicina/UFRGS; Instituto de Psicologia /UFRGS.

INTRODUÇÃO

As relações conjugais e coparentais desempenham um importante papel na qualidade de vida dos pais e no desenvolvimento dos filhos, sendo, portanto, relações de grande relevância na vida dos membros de uma família.

A chegada de um filho adquire grande preponderância na vida de seus pais, o que torna importante, ao se tratar da conjugalidade nesse período, abordar também a coparentalidade, que se inaugura nesse momento e passa a coexistir com a conjugalidade. Essa importância se torna ainda mais presente se considerarmos que, neste período, a interdependência dessas duas relações – conjugal e coparental – tende a se mostrar ainda mais marcante.

OBJETIVO

Investigar o desenvolvimento da relação coparental e conjugal durante o processo de transição para a parentalidade, no contexto da reprodução assistida.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo de caso coletivo longitudinal. Três casais que conceberam com o auxílio da terapia de reprodução assistida e cuja esposa se encontrava no terceiro trimestre da gestação responderam a entrevistas individuais semiestruturadas em três momentos: a) gestação b) Após o terceiro mês de vida do bebê e c) após o primeiro ano do bebê. Os dados foram submetidos a uma análise narrativa, através da leitura repetida e cuidadosa das entrevistas transcritas em busca das relações e significados atribuídos pelos participantes aos eventos, enfocando-se tanto as particularidades de cada casal, quanto suas semelhanças.

RESULTADOS

As narrativas apresentadas pelos participantes deste estudo demonstram que a forma como se deu a decisão de ter um filho, assim como a experiência da infertilidade e do tratamento, podem contribuir para a forma como a conjugalidade e coparentalidade se desenvolvem desde a gravidez até o nascimento do bebê.

A realização de entrevistas com as esposas e os maridos contribuíram para a contextualização dos dados e para a obtenção de diferentes perspectivas, o que se mostra de acordo com o referencial teórico adotado. Deve-se considerar que, antes de alcançarem a gravidez, esses casais passaram por uma série de desafios relacionados ao tratamento.

Portanto, trata-se de casais para os quais a transição para a parentalidade não constitui o maior desafio enfrentado em suas histórias e que já haviam superado momentos de elevado estresse, o que pode ter contribuído para a forma como manejaram a transição para a parentalidade.

CONCLUSÃO

Sugere-se a existência de um processo de diferenciação crescente da relação do casal, que passa a englobar coparentalidade e conjugalidade. Propõe-se que, no contexto da reprodução assistida, considere-se o período do tratamento como marco inicial da relação coparental.

Destaca-se a necessidade de considerar a história do casal, sua experiência da infertilidade e do tratamento, suas relações com a família de origem e sua configuração familiar na compreensão desse processo.